

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Título do trabalho:  
Artesanato e suas formas identitárias

Autora:  
Geruza Silva de Oliveira

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

“Associativismo, profissões e políticas públicas – IV Seminário  
Nacional de Trabalho e Gênero”

Nome da sessão temática:  
Associativismo, identidade e políticas de emprego e renda

Título do trabalho:  
Artesanato e suas formas identitárias

Autora:  
Geruza Silva de Oliveira

# Artesanato e suas formas identitárias<sup>1</sup>.

Geruza Silva de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Pretende-se compreender o artesanato como um tipo de trabalho a que corresponde uma forma identitária, sob os olhares especialmente da sociologia do trabalho. O objetivo principal é analisar os fundamentos teóricos a respeito do artesanato numa relação de trabalho e suas formas identitárias, bem como a discussão de alguns resultados empíricos e suas relações com estas formas.

Palavras-Chaves: identidade, artesanato e trabalho.

## INTRODUÇÃO

A temática proposta gira em torno da compreensão do processo e organização do trabalho em artesanato e possui como centralidade a análise da construção dos processos identitários a partir de alguns apontamentos empíricos e teóricos. A sua construção se insere em problemáticas analisadas na sociologia do trabalho, bem como em outras áreas de conhecimento que tratam do objeto em questão: a percepção do artesanato enquanto trabalho ao qual se relaciona uma identidade profissional. O estudo que está inserido na linha de pesquisa “Trabalho, Emprego e Sindicatos” do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências Sociais da UFG revela também a emergência de novas discussões, novos debates, colaboração na produção científica tanto para a sociologia do trabalho quanto para outras áreas de conhecimento que lidam com o assunto.

## METODOLOGIA

O presente texto foi pensado e construído a partir de abordagens quantitativa e qualitativa, entrevistas não-diretivas aplicadas presencialmente em Goiânia na Feira do Cerrado, questionários fechados e abertos enviados via email. Partimos de bases de dados relacionadas a portais ou sítios na Internet que permitem apreender, no âmbito do Brasil o processo e organização do trabalho, tais: <http://www.artesanatonarede.com.br><sup>3</sup>, <http://www.portaldeartesanato.com.br><sup>4</sup> <http://www.tudoarte.com.br><sup>5</sup> e [www.elo7.com.br](http://www.elo7.com.br)<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho construído a partir de leituras recalcadas em autores que discutem formas de trabalho como a informalidade, leituras orientadas pelo orientador da tese em construção Prof. Dr. Jordão Horta Nunes, leituras orientadas pelo Prof. Dr. Revalino Antonio de Freitas do programa da disciplina Sociologia do Trabalho, leituras e dados referentes à pesquisa realizada entre 2002 e 2005 no curso de mestrado em Sociologia com título: “Desordem Organizada”: Processo de Interação Social nos Espaços Públicos. Um olhar sobre os Vendedores Ambulantes do Mercado Aberto de Goiânia, sob a orientação da Profa. Dra. Genilda Darc Bernardes, discussões preliminares para futura pesquisa no curso de doutoramento em Sociologia pela FCS-UFG, não tendo realizado ainda pesquisa de campo com tratamento metodológico sobre o tema a respeito do artesanato especificamente. Artigo a ser apresentado no IV Seminário Nacional – Trabalho e Gênero na Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás. Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia. Doutoranda em Sociologia. [gsocienciasociais@gmail.com](mailto:gsocienciasociais@gmail.com)

<sup>3</sup> <http://www.artesanatonarede.net/>

<sup>4</sup> <http://www.portaldeartesanato.com.br/>

<sup>5</sup> <http://www.tudoarte.com.br/>

<sup>6</sup> <http://www.elo7.com.br/>

Até o momento da produção deste texto foram respondidos 33 questionários via email, na condição de teste, a partir de um formulário com questões agrupadas em títulos separados e apresentadas no google docs, um serviço do google que gerencia documentos com questões sob o título “Pesquisa: Identidade e Trabalho no Artesanato”. Foi direcionado aos artesãos ou artesãs como principais responsáveis pela produção no empreendimento selecionado, ou pelo menos possuísem participação significativa na produção, a partir do envio em seus emails deste formulário.

Foram levantadas questões<sup>7</sup> tais, sobre o sexo, a sua idade, a cidade em que reside, o tempo que reside na cidade, o local onde desenvolve sua atividade profissional, o tempo que trabalha neste local, os motivos que o (a) levaram a trabalhar com o artesanato, o tipo de artesanato trabalhado, se possui alguma inspiração relacionada a seu trabalho com o artesanato, a sua escolaridade, questões relacionadas a posição social do artesão, às suas formas identitárias, quanto à identificação do artesanato à alguma questão social, como, ambiental, saúde, regional, associativismo, cooperativismo e/ou outras questões, se o seu artesanato está relacionado de alguma maneira a alguma Instituição Social, se o trabalho que desenvolve com o artesanato se identificaria melhor com o fazer masculino ou com o fazer feminino, se o artesão ou a artesã acredita que o trabalho que desenvolve com o artesanato contribui ou contribuirá para sua inserção na vida social, questões sobre a Identidade de gênero, a respeito da visão do homem artesão e da mulher artesã, sobre o seu trabalho com artesanato e questões relacionadas aos dados socioeconômicos. A discussão presente no texto se fundamenta em algumas destas questões.

## **DISCUSSÃO**

### **1.1. ARTESANATO E IDENTIDADE**

Em todos os períodos históricos em que o artesanato se inseriu, é possível a sua compreensão a partir do desenvolvimento dos seus processos identitários. Neste texto a prioridade de análise se faz no entendimento da produção da identidade profissional deste artesão construído ao longo dos tempos históricos. Diante disso, pode-se pensar na identidade neste tipo de trabalho que, se revela inserida e construída na informalidade – uma expressão de trabalho - e também dependente de outras culturas para se formar. Segundo Strauss (1999, p. 29),

a identidade está associada às avaliações decisivas feitas por nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que elas fazem dela. As máscaras que ela exhibe então e depois ao mundo e aos seus habitantes são moldadas de acordo com que ela consegue antecipar desses julgamentos (...).

---

<sup>7</sup> Nos questionários enviados via email iniciais sobre os artesãos e artesãs que responderam os formulários. Residem nas cidades: Manaus, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, Goiânia, Curitiba, Sobradinho-DF, Campo Grande, Gravataí-RS, Cruzeiro Novo-DF, Rio de Janeiro, Pirajuí e Aramina-SP. Setenta e três por cento (73%) se identificaram como brancos e vinte e quatro por cento (24%) como pardos ou mulatos, sendo a maioria, quarenta e oito por cento (48%) declarada da religião católica e doze por cento (12%) espírita e outros doze por cento (12%) protestantes.

Nesse sentido o artesão tende a produzir seus produtos, a se comportar frente ao outro – que pode ser seu cliente ou não – conforme os moldes e padrões que o mercado já instituiu. Quem é o artesão hoje? Como ele se apresenta enquanto artesão e profissional frente à sociedade?

Diante de um contexto de transformações que relativizam as identidades nacionais, Canclini (2008) afirma que, “alguns setores crêem encontrar nas culturas populares a última reserva das tradições, as quais poderiam ser julgadas como essências resistentes à globalização”. (p. 198). Porém, mesmo nessas culturas ditas populares, onde a tradição poderia reinar, os recursos tecnológicos e culturais modernos acabam se ampliando. Canclini em estudos feitos sobre o *Fondo Nacional de Fomento a las Artesanías* no México e sobre as empresas privadas que comercializavam esses produtos, observou que,

o relativo consenso obtido por estas últimas deve-se ao fato de que suas ações não só exploram economicamente os artesãos, mas também incluem serviços: fazem empréstimos, ensinam como utilizar créditos bancários, sugerem mudanças de técnica e de estilo para melhorar as vendas, ajudam a realizar um tipo de comercialização cuja regras os artesãos têm dificuldade de compreender.(2008, p. 202).

Os artesãos agem combinando vários papéis: o de proletários, ou de subordinados, ou de clientes, tendo que atuar como competidores para sua sobrevivência. Desenvolve-se uma negociação fundamentada na cultura híbrida do mundo, a qual decorre na América Latina da mestiçagem e sincretismos e nas “sociedades contemporâneas através das interações entre o tradicional e o moderno, entre o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico”. (CANCLINI, 2008, p. 206). O popular se constitui de processos híbridos<sup>8</sup> e complexos, com signos de identificação fundamentados em elementos procedentes de diversas classes e nações. Estes processos relativizam a noção de identidade cultural.

A identidade discutida em Canclini (2008) parte da análise de que “hoje, a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multitécnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (p. 131). O mesmo autor verifica que as culturas tradicionais se desenvolveram nas últimas décadas se transformando, ou seja, a modernidade não suprimiu o tradicional. Nesse sentido se pode pensar num tipo de identidade que não é a identidade social do artesão, mas a identidade cultural do próprio artesanato, ou seja, sua relação com uma cultura regional ou nacional, com o que é típico, com o que identifica uma região.

A informalidade proporcionou uma nova dinâmica de vida, de comportamento e de concepção de trabalho. Constitui uma criatividade do homem, uma alternativa possível no mercado de trabalho, cuja capacidade de absorção se encontra saturada no seu processo formal.

---

<sup>8</sup> Híbrida em Canclini (2006) é definida como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (p. XIX).

A informalidade contraria a formalidade encontrável no processo de trabalho. Esta constitui um segmento organizado, com postos de trabalho que geram empregos regulares. A informalidade estabelece uma lógica de ocupações irregulares, construindo uma “desordem organizada”<sup>9</sup>, interferindo na organização da cidade, lhe proporcionando um aspecto diferenciado na criação de uma dinâmica própria, a começar pelas formas e lugares utilizados para o seu exercício, os quais exprimem a idéia de liberdade, abertura, sem formalidades e com contatos pessoais mais diretos – de vendedor para vendedor (pequena distância entre uma banca de vendas e outra), vendedor para consumidor, consumidor para consumidor. O trabalho com artesanato pode ser analisado como uma forma de ocupação informal e por conta própria.

Além desta identidade cultural refletida por Canclini e inserida na informalidade pode-se entender o artesanato inserido numa identidade social, no sentido de se identificar processos externos que interferem na sua produção enquanto trabalho que não se limita às tendências culturais apenas. A compreensão do artesanato à luz da sociedade atual requer pensá-lo no interior de uma produção que está inserida em redes de mercado que se interligam e possibilitam a abertura para comercialização dos produtos artesanais, bem como a visualização dos mesmos por meios tecnológicos também interligados.

A construção da identidade pessoal e da identidade de criatividade social passa pela interação travada entre as relações com os outros, sendo estes partes da motivação desta identidade. Para Dubar (2005, p. XXV),

a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições.

A socialização<sup>10</sup> se torna um conceito referencial para o entendimento da construção da identidade entre os trabalhadores artesãos em Goiás e no Brasil, como uma das formas de compreensão do processo e organização deste tipo de trabalho.

---

<sup>9</sup> Referência ao título da dissertação de mestrado defendida e aprovada em 2005 na Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais: “Desordem Organizada”: Processo de Interação Social nos Espaços Públicos. Um olhar sobre os vendedores ambulantes do Mercado Aberto de Goiânia”. Autora da Dissertação: Ms. Geruza Silva de Oliveira. Orientadora: Profa. Dra. Genilda Darc Bernardes. Forma definida por Bataille (apud PERLONGHER, 1995, p. 97), qual seja, a de uma estética normatizadora, entendida, aqui, como uma criação de expressões (modos, jeitos, linguagens) que se estabelecem como norma para os feirantes do Mercado Aberto, diferente da ocorrente nos espaços públicos da cidade, pois acredita-se que os feirantes do Mercado Aberto produzem uma lógica própria de trabalho que se diferencia da lógica do mercado formal. Esta lógica influencia seus métodos de trabalho, sua linguagem, seu vestuário, seus modos de vender os produtos, desenvolvendo, com sua dinâmica própria, uma *desordem organizada*, que é expressa numa normatização diferenciada da existente nos espaços urbanos, regida e controlada pelos planos urbanísticos. Mesmo ocupando um espaço criado para o trabalho informal – o Mercado Aberto –, obedecendo a horários e regras internas, sendo observados em seu cotidiano, os feirantes carregam a informalidade no jeito de ser comerciante.(OLIVEIRA, 2005, p. 13).

<sup>10</sup> Dubar (2005, p. XXVI) se refere ao termo socialização a partir de várias conotações como: “inculcação das crianças, doutrinação dos indivíduos, imposição de normas sociais, coerções exercidas por poderes tão ameaçadores quanto anônimos...”.

Dubar (2005) considera a dimensão profissional como uma das dimensões mais importantes da identidade dos indivíduos. Esta dimensão que é social, portanto, intervém nas dinâmicas identitárias dos indivíduos ao longo de seu processo de socialização.

A análise da produção da identidade profissional do trabalhador artesanal deve ser pensada pela forma como se constroem os processos de socialização de um mundo vivido, relativo a um contexto social e a uma época histórica. Sua identidade profissional é construída por elementos identitários sociais. Segundo Dubar (2006, p. XXI) as identidades coletivas e pessoais “são consideradas em processos históricos e contextos simbólicos”.

Uma das dimensões enfatizadas no conceito da identidade conforme este autor é o da subjetividade no cerne dos processos sociais. Dubar (2006, p. XXI) reflete as formas identitárias como “construções sociais partilhadas com todos os que têm trajetórias subjetivas e definições de atores homólogos, principalmente no campo profissional”.

O fato, por exemplo, de o trabalhador ser reconhecido em seu trabalho pela atividade que desenvolve e de poder se empenhar na mesma, são elementos construtores da identidade pessoal desse trabalhador. Esta perspectiva aponta para a análise de que o indivíduo não se faz sozinho, e que sua identidade não será dada no nascimento, e sim, construída durante sua infância e reconstruída no decorrer da vida.

O indivíduo depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade pensada nesta discussão deste texto – identidade cultural e identidade profissional do trabalhador artesão – se faz a partir da vertente da socialização como sua principal forma de construção. (DUBAR, 2006). A dimensão profissional se faz como um elemento essencial na formação da identidade pessoal do indivíduo, quando se observa que, o trabalho acaba obrigando o trabalhador a se aderir às transformações identitárias vindas das mudanças que o próprio trabalho oferece. O emprego em si, condiciona a construção das identidades sociais e pessoais. Assim, Dubar (2006) analisa:

A identidade profissional para si, mesmo reconhecida por um empregador, tem cada vez mais chances de não ser definitiva. É regularmente confrontada com as transformações tecnológicas, organizacionais e de gestão de emprego das empresas e da administração pública. (p. 150).

Keller (2011) trabalha com a ideia da formação da cadeia de valor do artesanato considerada como um conjunto das atividades econômicas interligadas que compõem a cadeia do produto, desde o design, passando pela manufatura, o marketing e a comercialização, até o consumo final.

Segundo Tito (2004) o objeto artesanal é feito pelas mãos, não só pelo que podemos ver, mas, pelo que se pode sentir, de modo que existe uma espécie de tabu religioso como encontrado nos santos que, não se permite tocá-lo de qualquer forma. Neste objeto artesanal encontra-se uma utilidade relacionada à necessidade do objeto, porém não se resume a ela e não se reduz a um ideal matemático que padroniza o design industrial, por exemplo. A autora se refere ao design industrial constituído de uma beleza de ordem conceitual, a partir do momento que se expressa com justeza de uma

fórmula e possui uma racionalidade que se encerra numa alternativa: serve ou não serve e para o segundo caso há que se jogar no lixo.

Ao refletir sobre a formação da identidade nos indivíduos, Dubar (2006) analisa três grandes processos identitários como formas de compreender como a sociologia interpreta a identidade dos indivíduos. Designa esses processos como configurações: processo da civilização de Norbert Elias, o processo de racionalização de Max Weber e o processo de libertação de Karl Marx e Engels.

Dubar considera estes modelos como formas identitárias do eu social. Nenhum deles será de fato predominante sobre o outro, ou seja, nenhuma destas três visões sociológicas de identidade originaram uma única forma de identidade universalmente dominante, portanto nenhuma delas se colocou como eixo numa nova configuração histórica. Nessa perspectiva o autor (2006) sustenta que, as identidades dos indivíduos estariam em crise: “nenhuma configuração das formas identitárias me parece ter adquirido legitimidade universal nem mesmo reconhecimento consensual” (DUBAR, 2006, p 21).

Dubar (2006) desenvolve ainda, o entendimento das transações relacionais e as transações biográficas no desenvolvimento das formas identitárias.

Tem-se, portanto, primeiramente a forma de identidade biográfica para outrem do tipo comunitário, onde o indivíduo pertence a um grupo local e à sua cultura herdada. É predominante enquanto perdurar simultaneamente o poder do Nós sobre o Eu, as crenças, magias sobre as formas racionais e as formas pré-capitalistas de produção.

Logo, tem-se, a forma de identidade relacional para outrem que implica um eu socializado pelo desempenho de papéis. O indivíduo deve ligar-se às diversas instituições como forma de integração. Dubar (2006) a chama também de estatutária. A terceira, é a forma relacional para si que, se origina da consciência reflexiva, ou seja, o indivíduo desenvolve um tipo de identidade por ter significado subjetivo. A última forma de identidade é a biográfica para si, também chamada de identidade narrativa, onde, o indivíduo desenvolve o seu “si narrativo”, o si que, cada um tem necessidade de ver reconhecido, não só pelos outros significativos, mas também, pelos outros generalizados. Nesse processo se questiona “as identidades atribuídas e um projeto de vida com longevidade” (p. 52).

Quando Dubar (2006) constrói estes conceitos das formas de identidade sob os eixos biográfico e relacional, tem a intenção de demonstrar que, as formas de identidade desenvolvidas nos indivíduos, são inseparáveis das relações sociais que são formas de alteridade, as quais são constituídas de relações entre si e entre os outros.

O autor analisa as identidades profissionais e as chama de formas identitárias no sentido definido como, configurações eu-nós detectadas no campo das atividades de trabalho remuneradas” (p. 85). Podem ser tanto “relacionais (identidades de atores num sistema de ação) e também biográficas (trajetórias ao longo da vida de trabalho)” (p, 85).

Dubar (2006) analisa as relações entre a crise da modernidade e a crise das identidades. Reflete que, a crise das identidades é inseparável da crise da modernidade, a qual desvalorizou “as formas comunitárias de inserção social sem conseguir impor novas formas societárias: as antigas formas identitárias (nominais e estatutárias) desagregaram-se ou foram estigmatizadas, mas as novas formas (reflexivas e narrativas) não conseguem substituí-las” (DUBAR, 2006, P, I).

Dubar analisa que, as instituições sociais, com a modernidade, se desestruturaram e, portanto, desestabilizaram as identidades pessoais. Nesse sentido, as identidades pessoais não estariam sendo construídas apenas por estas instituições, pois,



as mesmas, entraram em crise, mas, também produzida pelos próprios indivíduos no decorrer de suas trajetórias e de suas interações.

Nesta perspectiva a identidade, segundo Dubar (2006) não é construída apenas das determinações sociais, mas, também das “trajetórias concretas onde essas determinantes se atualizam e recontextualizam” (p. II). Assim, as identidades possuem dupla fase: as identidades para si, que são biográficas construídas pelas trajetórias dos indivíduos e pelas experiências de vida que passam, e as identidades para os outros, transmitidas por grupos de pertença social.

Conforme Dubar (2006), a identidade se desenvolve a partir de vários domínios da vida social: nos espaços do trabalho, do emprego, da formação, das identidades sexuais e simbólicas. A identidade se compõe então, de configurações, a que ele chama de configurações identitárias presentes nas identidades pessoais. Por configurações identitárias, cada indivíduo “pode ser identificado e identificar-se de uma forma múltipla: a partir de sua aparência física, da sua linguagem, da sua maneira de vestir, das suas atividades, do seu nome...” (p. II).

Quando Dubar analisa a identidade pessoal investiga outras formas de interferência e preocupa-se em compreender os elementos subjetivos do indivíduo como fonte de construção para a identidade pessoal. Analisa, por exemplo, que uma crise moral pode interferir na imagem de si, na estima de si, na própria definição que a pessoa dava de si a si próprio (2006).

Quando se pensa na identidade dos trabalhadores artesãos nesta perspectiva teórica da identidade que Dubar desenvolve, inicialmente reconhece-se entre os artesãos uma concepção do fazer, do produzir os seus produtos a partir de um ofício recebido. Este modo de se ver enquanto artesão nos remete ao pensamento da forma identitária biográfica para o outro, o qual os indivíduos estariam inseridos numa espécie de linhagem de gerações, culturalmente influenciados. O ofício dos artesãos possui esta representação: muito do que sabem produzir veio da observação, dos ensinamentos que seus antecessores lhes deram.

A forma identitária biográfica para si permite-nos perceber o si narrativo de cada artesão, ou seja, como cada um se sente enquanto artesão, como cada trabalhador fala de si próprio numa narrativa pessoal.

## **1.2. RESULTADOS**

Ao realizar algumas pesquisas preliminares com alguns artesãos em Goiânia em 2010 e 2011, pode-se perceber alguns destes modelos identitários identificados por Dubar. É o que nos mostra uma fala de uma artesã, quando questionada sobre surgimento do artesanato em sua vida:

Acho que desde eu me conheço. Engraçado a criança tem essa afinidade com a criação, depois de certo tempo a gente vai perdendo isso. É algo que é natural, eu sempre tive essa afinidade mesmo em vários trabalhos diferentes: poesia, sempre gostei de cores, então assim, profissionalmente eu comecei... Eu fiz faculdade em Artes, e comecei desenvolver profissionalmente a partir daí. (CASTRO, 2010).

Nesta fala, a artesã demonstra uma motivação vocacional para o trabalho com o artesanato. Algo desenvolvido desde criança, como uma espontaneidade.

A partir dos depoimentos dos artesãos e artesãs retirados das respostas obtidas pelos questionários via email<sup>11</sup> observou-se que, o trabalho com o artesanato de maneira geral se mostra como um fazer que possui um si narrativo, algo do próprio artesão, uma realização pessoal pelo fazer artesanato, quando perguntados sobre os motivos que os levaram a escolher o artesanato como trabalho:

Um dos motivos apresentados foi a necessidade de ser reconhecido pelo que faz, pelo outro:

Vontade de produzir coisas belas e ser admirada por isso;  
(Questionário 1)

Outro motivo está no fato de alguns não terem encontrado trabalho na formação profissional o qual se formou:

Falta de oportunidade de trabalho em Fisioterapia (pós-graduação em Fisioterapia Neurofuncional). (Questionário n. 2)

O gosto pelo fazer artesanato:

Trabalhei muitos anos com confecção roupas depois apaixonei pelo artesanato, o principal motivo é o amor ao que faço. (Questionário n.3)

Sempre adorei, desde criança. Portanto até hoje continuo fazendo minhas coisinhas maravilhosas! (Questionário n.12)

Gosto pessoal. (Questionário n.31)

A realização de atividade laboral sem estar submetido a um trabalho comandado por alguém, no caso o chefe, o patrão:

Trabalhar independente, com algo que gosto e onde o lucro provê de algo que me realiza. (Questionário n.4)

Outro motivo apontado foi a habilidade natural na criação do artesanato e identificação com essa criação:

Desde pequena tinha habilidades manuais e sempre gostei de desenvolver peças criadas por mim. (Questionário n.5)

Observação de que possuía extrema facilidade para aprender e criar arte. (Questionário n. 1)

Sempre gostei de artes manuais e entre várias que fiz me identifiquei com pintura em madeira. (Questionário n.7)

Sempre tive vocação para isso, e minha família sempre trabalhou com artesanato. (Questionário n.23)

Os motivos que me levaram a trabalhar com o artesanato foi de inicio a vocação que me levava ao prazer e a admiração da arte final. Hoje como forma de sustento existe um prazer mais tenso mais existe. (Questionário n.26)

Afinidade com tudo que exige criatividade. (Questionário n.28)

---

<sup>11</sup> Os depoimentos descritos são de alguns artesãos que responderam ao questionário eletrônico em aplicação desde 2011.

Alguns escolheram fazer artesanato por Hobby:

Hobby. (Questionário n.10)

Por hobby, e porque fui criada com pessoas que faziam atividades artesanais. (Questionário n.22)

O artesanato entrou em seu cotidiano pelo fato de não poder mais assumir o antigo trabalho:

Sou arte educadora, mas tive que me ausentar da sala de aula por problemas de saúde, então comecei a utilizar meu tempo em pesquisas de materiais, principalmente com reciclados e descobri que tinha um amor escondido por chapéus...aí não parei mais. (Questionário n.13)

Sou pedagoga e atuo como coordenadora pedagógica a cinco anos. Iniciei no artesanato muito cedo, trabalhando com tricô, crochê, ponto cruz, entre outros. Mas era de uma maneira muito simples para presentear uma amiga ou poucas encomendas. Há um ano procurei no patchwork uma terapia e me apaixonei. Comecei de forma muito tímida e hoje já tenho muitas encomendas e uma marca estabelecida. Mas o início foi intencional, pois realizei o artesanato como uma atividade secundária. (Questionário n.21)

Como uma necessidade de mudar radicalmente a ocupação profissional a qual exercia. (Questionário n.27)

O artesanato foi iniciado como uma atividade de distração a realidades vivenciadas:

Quando recebi a notícia que estava doente, no meu caso câncer. (Questionário n.17)

Segunda opção de trabalho; Distração; Aproveitar aptidão; Porque adoro; Sou criativa e organizada; Poder trabalhar em casa. (Questionário n.19)

A rentabilidade também foi apontada como um dos motivos os quais os artesãos e artesãs escolheram produzir o artesanato:

Primeiro foi o apelo pessoal, gosto de artes, depois veio a parte profissional, financeira, pois, percebi um bom mercado pra produtos sustentáveis. (Questionário n.14)

Temos loja e trabalhamos com eventos sempre a necessidade de novos produtos / novas idéias. (Questionário n.15)

Aumento da renda. (Questionário n.29)

O artesanato veio a partir de uma curiosidade:

Comecei fazer artesanato por curiosidade, fui assistir uma aula de biscuit com umas amigas e acabei gostando, saí de lá com uma peça

pronta e então me animei, daí em diante não parei mais. (Questionário n.20)

Fazer artesanato possui também motivação regional para a criação dos produtos:

A vontade de crescer e melhorar o produto que minha região tem. (Questionário n.24)

Fatores Regionais (Questionário n.30)

a vivencia do dia a dia e integração com a matéria prima em abundancia, que encontro na região. (Questionário n.33)

O artesanato surgiu como uma oportunidade de trabalho:

As oportunidades que surgiram. (Questionário n.32)

Cada expressão nos mostra uma narrativa construída com elementos eleitos por cada pessoa como já legitimados por elas. Há uma identificação total dos artesãos com o trabalho que faz com os seus artesanatos de noventa e um por cento (91%) segundo informações dos questionários enviados aos artesãos e artesãs. Isso demonstra em conjunto com as expressões acima, que existe uma interioridade diferenciada em cada artesão que o motiva a fazer o seu artesanato.

Os trabalhadores artesãos podem ser vistos também na forma identitária relacional para os outros, ao se pensar em suas inserções cada vez mais frequentes por conta do mercado, nas instituições que oferecem algum incentivo ao seu trabalho. Esta forma estatutária da identidade possibilita que os artesãos desenvolvam seu eu socializado com outros eus socializados, de forma que sua identidade nesse aspecto se forma por elementos institucionalizados.

As feiras organizadas para exporem seus produtos acabam construindo laços institucionalizados entres esses artesãos, os organizadores, fornecedores, e entre os clientes, os quais passam a freqüentar com alguma assiduidade esses locais, podendo até criar a fidelização aos artesãos de sua escolha.

Há a construção de relacionamentos institucionalizados entre os artesãos com outros profissionais, pela necessidade de cada produto e de cada artesão. Os depoimentos de alguns artesãos demonstraram esta idéia, ao serem indagados sobre a forma de aquisição dos materiais utilizados para a produção dos seus artesanatos:

Adquirem seus materiais em compras, reciclagem, armarinhos ou resíduos:

Compro ou reciclo. (Questionário n.1)

Comprando. (Questionário n.11)

Geralmente compro material para produção. (Questionário n.13)

Pouco material é adquirido, pois, trabalho basicamente com resíduo de origem vegetal (fibras) e outros materiais recicláveis. (Questionário n.14)

Compro. (Questionário n.20)

Comprando em armarinhos. (Questionário n.22)

Em armarinhos, e de produtores de fios como sisal, rami e seda pura. (Questionário n.28)

Compro a argila em natura, acondiciono na oficina material suficiente para trabalhar por pelo menos por dois anos, tenho as maquinas que utilizamos para o beneficiamento da argila, como maromba maquina que recicla e mistura a massa de forma uniforme para desenvolver um bom trabalho, o forno elétrico para facilitar o processo de queima, mas já tivemos na oficina o forno artesanal com queima a lenha, torno para viabilizar a produção e por último o cilindro visando melhorar o preparo da massa. (Questionário n.33)

Em lojas especializadas do material determinado:

Em lojas especializadas. (Questionário n.2)  
Em lojas especializadas de artesanato (tintas, pincéis, etc), ferragens e lojas que vendem as chapas de mdf. (Questionário n.5)  
Compro nas lojas especializadas da minha cidade e quando não encontro por aqui, compro pela internet. (Questionário n.6)  
Comprando em casas especializadas. (Questionário n.8)  
Em lojas especializadas, e em sites internacionais. (Questionário n.8)  
Compro sempre no atacado. Em lojas especializadas, pessoalmente ou via Internet. (Questionário n.12)  
Comprando em lojas especializadas em artesanato. (Questionário n.16)  
Em lojas especializadas. (Questionário n.19)  
Lojas físicas e on-line. (Questionário n.31)

Por internet:

Compro em diversas lojas, pois utilizo uma diversidade grande. Artigo religioso transferido pelo a internet e loja virtual no rio grande do sul. Os outros em Belo Horizonte (Questionário n.3)  
Compras pela internet, em viagens, pelos bazares/lojas da cidade. (Questionário n.10)  
Às vezes compro pela internet e outra compro aqui mesmo em lojas especializadas. (Questionário n.17)  
Compro via internet e em lojas especializadas. (Questionário n.21)  
Pela internet ou comprando em SP. (Questionário n.24)  
Lojas físicas e on-line. (Questionário n.31)  
A maioria pela internet porque moro numa cidade afastada. (Questionário n.32)

Retira da própria natureza:

Adquiro na natureza, no reaproveitamento de material de outros profissionais quem lidam com madeira. (Questionário n.4)

De fornecedores, atacadistas, distribuidores:

Compro de fornecedores. (Questionário n.9)  
Compro com fornecedores. (Questionário n.23)  
Compra nos atacadistas e distribuidores. (Questionário n.27)

Da fábrica direto:

Direto de Fabrica. (Questionário n.15)

Compra material específico:

Madeira com certificado de procedência e/ou demolição.  
(Questionário n.18)

Adquire-se o material em sucatas:

Sucata. (Questionário n.25)

De restos de outras produções:

Antes as pessoas jogavam fora pedaços de madeira, Dava para a padaria queimar, etc. Depois de um tempo as pessoas que davam, vendo que havia a necessidade em nos de usar começou a vender em preço baixo e hoje é vendido com preço bem alto. (Questionário n.26)

Faz encomenda dos materiais:

Faço encomenda dos mesmos. (Questionário n.29)

Retira na própria região:

Os materiais são adquiridos na própria região. (Questionário n.30)

O artesão em sua produção artesanal desenvolve identidades variadas quanto às questões externas às suas subjetividades, considerando as falas acima descritas. A forma identitária biográfica para os outros pode ser compreendida em idéias vindas dos artesãos que responderam ao questionário, quando questionados se possuíam alguma inspiração relacionada ao seu trabalho com o artesanato, as quais demonstram as influências do meio exterior absorvida pelo seu ser em seu trabalho com o artesanato, a partir de vários elementos sociais:

Influencia pela natureza

A natureza me inspira muito. (Questionário n.3)

Me inspiro na natureza. (Questionário n.18)

Preservação do Cerrado; 27

A inspiração vem das cores que existem na criação de Deus (natureza). (Questionário n.28)

Pela mitologia, fantasias, história e estórias e cultura regional:

A mitologia e a cultura regional. (Questionário n.4)  
Gosto de desenvolver peças para decoração de quarto de bebês e minha inspiração são motivos infantis, lúdicos. (Questionário n.5)  
Sim, a cultura indiana e árabe. (Questionário n.6)  
Gosto muito de histórias de fantasia, fadas, natureza, e gosto de incorporar esses elementos nas minhas peças. (Questionário n.8)  
Casas reais e imaginárias. (Questionário n.25)  
Cultura local e regional, pessoas, arte antigas que tenha relação com a colonização da cidade. (Questionário n.14)  
O cotidiano e os costumes da região. (Questionário n.24)  
Afirmção de uma identidade cultural de Goiás. (Questionário n.27)  
A cultura popular. (Questionário n.32)  
Acredito que sim, o fato de querer divulgar a cultura goiana nas obras de cerâmicas já é um indicador de inspiração ao produzir a cerâmica. (Questionário n.33)

Pesquisa em livros, as revistas, internet:

Leio muito, pesquiso em livros e revistas especializados de todas as nacionalidades, revistas na área de decoração, material relacionado às artes plásticas, na internet, etc. Geralmente não copio o que encontro. (Questionário n.10)  
Sim, procuro sempre estar pesquisando para poder sentir a sensação de paixão pelo objeto, se não sentir isso não consigo criar. (Questionário n.13)  
A minha inspiração vem das pesquisas que faço na Internet, livros especializados (importados), novos materiais. (Questionário n.19)  
Pesquisa. (Questionário n.15)

Pelo fato de querer fazer a coisa bem feita:

Tudo que faço, faço o melhor possível. (Questionário n.11)

Por satisfação pessoal emocional e economicamente:

Me faz feliz e me ajuda financeiramente. (Questionário n.12)  
Sim, para mim é um prazer, minha inspiração é que me sinto viva, aí me sinto bem e faço artesanato. (Questionário n.17)  
O nascimento da minha filha e minha curiosidade nata. (Questionário n.21)

Para perpetuar o ensinamento:

Preservação da cultura de mulheres da família; 27  
Na verdade, meu trabalho é justamente divulgar e mostrar o artesanato feito por pessoas do mundo inteiro, com mais ênfase para os brasileiros, é claro. (Questionário n.31)

O desenvolvimento do artesanato desde suas formas iniciais passando pela sua inserção nas transformações sociais, e sua realização no século atual, possibilitaram

aos indivíduos medievais e/ou modernos, relacionados a ele, a construção de suas identidades pessoais ligadas a elementos externos, ditos culturais e profissionais.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

DUBAR, Claude. *A Socialização*. Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. *A Crise das identidades*. A interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

KELLER, Paulo Fernandes. *Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios*. Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais. UFG. V. 14. N. 1. 2011.

OLIVEIRA, Geruza Silva de Oliveira. “*Desordem Organizada*”: Processo de Interação Social os Espaços Públicos. Um Olhar sobre os Vendedores Ambulantes no Mercado Aberto de Goiânia. Dissertação de Mestrado. UFG/FCS. Orientadora: Dra. Genilda Darc Bernardes. Goiânia. 160 páginas.

STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e máscaras*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 1999, p. 11-98.

TITO, Hilda Fernández. *Qué es una artesanía?* In: La Artesanía Urbana como Patrimonio Cultural. Buenos Aires: Comisión para La Preservación Del Patrimonio Histórico Cultural de La Ciudad de Buenos Aires, 2004.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Site sobre artesanato. Disponível em: <http://www.elo7.com.br>. Acesso em junho de 2010.

Site sobre artesanato em rede. Disponível em: <http://www.artesanatonarede.net>. Acesso em abril de 2011.

Site sobre portal do artesanato. Disponível em: <http://www.portaldeartesanato.com.br>. Acesso em junho de 2011.

Site sobre artesanato. Disponível em: <http://www.tudoarte.com.br>. Acesso em março de 2012.

Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em maio de 2012.

*Economia informal: aspectos conceituais e teóricos*. KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo Weishaupt. Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2010, 1 v. (Série Trabalho Decente no Brasil; Documento de trabalho n.4. Disponível em:



[http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/employment/pub/economia\\_informal\\_241.pdf](http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/employment/pub/economia_informal_241.pdf). Acesso em junho de 2012.

### **ENTREVISTADOS**

CASTRO. Entrevista concedida na Feira do Cerrado. Goiânia, 2010.

CAMBOTA. Entrevista concedida na Feira do Cerrado. Goiânia, 2010.

MESSIAS. Entrevista concedida na Feira do Cerrado. Goiânia, 2010.